

ESTUDO CRÍTICO SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA IDEOLOGIA E DA SUBJETIVIDADE

(Critical Study on the Transformation of Ideology and Subjectivity)

Fábio Luiz Tezini Crocco

Mestrando do curso de Filosofia da UNESP de Marília

Resumo: O presente artigo tem como objetivo último refletir sobre a transformação da subjetividade e da ideologia, que se relacionam intrinsecamente com os processos da materialidade, produção e reprodução social. A investigação de tais processos sócio-históricos é crucial para compreendermos a relação entre indivíduo e sociedade, e interiormente a esta relação analisaremos as transformações dos fatores formadores do sujeito. Este estudo irá focar os processos que delimitaram a crise da sociedade burguesa desde o final do século XIX até nossa sociedade marcada pelo “declínio da individualidade”, assim como afirmava Horkheimer. Essa reflexão será mediada por uma análise de natureza teórica acerca de questões centrais da Psicanálise e da Teoria Crítica.

Palavras-Chave: Teoria Crítica, Psicanálise, Ideologia e Subjetividade.

Abstract: The present article has the objective of being a reflection about the transformation of subjectivity and its relationship with ideology. Both are intrinsically related to the processes of materiality, production and social reproduction. The inquiry of such historical social processes is crucial to understand the relationship between the individual and society, and interior to this relationship to analyze the transformations of the aspects which will shape the subject. This study will focus on the processes which enclosed the crisis of bourgeois society since the end of 19th Century up to our society, marked by the “decline of individuality”, as Horkheimer has stated. This reflection will be effected by an analysis of core questions of both Psychoanalysis and Critical Theory.

Keywords: Critical Theory, Psychoanalysis, Ideology and Subjectivity

A reflexão sobre a transformação da ideologia e da subjetividade possui sua importância ao demonstrar o movimento sofrido pelos conceitos e pelos fatores estruturais da sociedade. Ao notar essa mudança percebemos que é necessário reelaborar as antigas teorias para abarcar teoricamente a realidade. Tanto a ideologia como a formação da subjetividade pertencem à História e dependem de suas oscilações, por isso, abordaremos sob essa luz, primeiramente a constituição subjetiva e suas mudanças e posteriormente as transformações da ideologia, buscando sempre demonstrar seus entrelaçamentos entre si e com a materialidade.

Para elaborarmos a formação do indivíduo partiremos de uma abordagem que se insere numa “teoria crítica da sociedade”. Inicialmente a psicanálise foi crucial para a Teoria Crítica na elaboração de discussões acerca do “modelo psíquico do homem liberal” e das transformações do início do século XX com a ascensão do capitalismo monopolista e do fascismo. Posteriormente, continua sendo pela sua intrínseca relação processual entre indivíduo e sociedade. O estudo da subjetividade deve ressaltar sua constituição através da mediação social, abrangendo este conceito da psicologia para suas noções sociológicas e filosóficas. O entendimento desta subjetividade não depende apenas de sua relação com a sociedade atual, mas também da compreensão do “projeto histórico implícito no desenvolvimento de nossa civilização” (Crochik 1998). Assim, partimos da concepção de que a constituição subjetiva não está dissociada das relações sócio-históricas experimentadas por este sujeito e que este processo se insere no desenvolvimento civilizatório.

Iniciaremos a discussão da formação da individualidade a partir da concepção psicanalítica, a qual apresenta o homem movido por duas forças: autopreservação e instintos sexuais. O modelo subjetivo proposto por Freud confere grande importância

à articulação entre racionalidade e irracionalidade. A história do homem é a história de sua repressão, segundo Freud essa é a condição para a existência de um sujeito consciente. No processo formativo da subjetividade o homem luta por uma gratificação instintiva prazerosa que a cultura não permite completamente, pois a busca pela sua completa satisfação pode gerar a própria destruição do indivíduo. Os instintos devem ser desviados de seus objetivos imediatos, a satisfação integral das necessidades é abandonada para promover o desenvolvimento da civilização.

A formação do sujeito torna-se viável pela transformação de seu sistema instintivo. Segundo Freud, é a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. O “aparelho mental” é formado basicamente por esta concepção dualista, da qual vai emergir os processos inconscientes e conscientes. Estes processos se diferenciam pelas suas características histórico-genética e estrutural. O inconsciente se relaciona com o instinto e prazer que fazem parte da estrutura primitiva do indivíduo em suas fases primárias de desenvolvimento. Esses processos primários procuram apenas “obter prazer” e evitar qualquer atividade que provoque “dor”. Entretanto, o indivíduo percebe de forma traumática que a satisfação integral de seus desejos é impossível. Essa desilusão do indivíduo frente às suas satisfações possibilita a formação do princípio de realidade através de uma satisfação pulsional indireta. O homem através desse princípio renuncia ao prazer momentâneo e imediato, o qual poderia causar sua própria aniquilação. Substitui essa satisfação imediata por um prazer adiado, momento que caracteriza a subjugação do princípio primário ao princípio secundário, o princípio de realidade.

A adaptação do prazer ao princípio de realidade implica a subjugação e diversão da força destrutiva da gratificação instintiva, de sua incompatibilidade com as normas e relações estabelecidas da sociedade e, por conseguinte, implica a transubstanciação do próprio prazer (Marcuse 1999, p. 35).

A luta pela repressão dos instintos relaciona-se com a luta constante pela existência. Para sua conservação o indivíduo redireciona sua energia instintiva imediata para a mediação adiada, direcionando o indivíduo ao trabalho. Sua autopreservação depende dos meios para sua conservação. “Freud considera a eterna luta primordial pela existência e, portanto, acredita que o princípio de prazer e o princípio de realidade são eternamente antagônicos” (*idem*, p. 37).

É justamente pela subjugação do princípio primário ao secundário que é possível a formação de um ego organizado. Esta nova categoria da estrutura psíquica possibilita ao indivíduo discernir o que é realmente importante para si mesmo e o que não irá prejudicá-lo. O “aparelho mental” sob o domínio do princípio de realidade forma o sujeito consciente. Essa edificação do ego possibilita o desenvolvimento da razão, possibilitando o sujeito realizar atividades mentais organizadas, a razão permite o homem examinar a realidade com atenção, memória e discernimento (*ib.*, p. 35).

O homem se constitui a partir de sua repressão, tanto o desenvolvimento filogenético (gênero) quanto o ontogenético (indivíduo) ocorrem pelos acontecimentos traumáticos. Primeiramente a filogênese é caracterizada pelo desenvolvimento da civilização desde seu estágio primitivo (horda) até a civilização constituída e em processo de transformação. Esta é promovida quando o “pai primordial” monopoliza o poder e o prazer e impõe aos filhos que os renunciem. Já a ontogênese caracteriza o desenvolvimento do indivíduo pela sua repressão, desde sua remota infância até suas experiências conscientes. A ontogênese ocorre inicialmente na infância pela imposição realizada pelos pais e educadores, na subjugação do

indivíduo ao princípio de realidade. Estas duas categorias, coletiva e individual, são constantemente reelaboradas para que ocorra a manutenção do domínio do princípio de realidade sobre o destrutivo princípio de prazer.

A estrutura mental humana é formada pela relação e equilíbrio entre id, ego e superego. O id representa a maior e mais antiga camada da psique, o inconsciente e o princípio de prazer fazem parte dela, é a busca incessante pela satisfação das necessidades instintivas. Este não se subjugua aos princípios morais e sociais, também não visa a autoconservação do indivíduo. Sua busca pelo prazer pode até mesmo levá-lo a sua própria destruição.

A relação entre o indivíduo e a realidade, a hostilidade e os traumas sofridos pelas intempéries do meio em que habita promove a formação de categorias psíquicas de proteção e conservação. O princípio de prazer é colocado em segundo plano com a formação de um ego estruturado. A relação entre id e mundo externo é mediada pelo ego. Esta é a estrutura que possibilita a percepção e o conhecimento para superar a barreira do inconsciente. O ego medeia a relação entre id e realidade a fim de promover a diminuição dos conflitos (*ib.*, pp. 47-48).

O ego possui uma atitude defensiva diante da realidade, entretanto deve promover a gratificação do indivíduo. Suas categorias perceptivas o permitem escolher entre aquelas satisfações que não destruiriam o ser. No desenvolvimento das categorias psíquicas o ego como mediador é auxiliado por outra “entidade”. O superego surge primeiramente na relação de constituição das regras a partir da família pela relação de dependência e imposição dos pais nas fases iniciais da vida do indivíduo. Posteriormente essas regras são impostas pela realidade sócio-cultural. Tais normas são “introjetadas” na consciência e coordenam as relações entre os indivíduos. O “sentimento de culpa” gerado pela realização do ato proibido ou apenas do desejo de realizá-lo impede que as transgressões destas normas sejam efetuadas. Sob “ordens” do superego o ego reprime tais atos (Freud 1975). Esta dinâmica repressiva torna-se inconsciente e automaticamente os sujeitos se relacionam através de tais regras. A consciência é considerada o superego, esse implica numa réplica das ordens e proibições do superego paterno que é socialmente condicionado. Segundo Fromm, “bom é o que a autoridade internalizada ordena e mau é o que ela proíbe” (Fromm 1977, p. 52). A “moralidade” não é estática, ela depende da autoridade tácita social e historicamente determinada. Essa é a característica primordial da existência de um coletivo estruturado, a vida em sociedade depende da formação de uma “consciência moral” que respeite suas regras e penalize suas transgressões.

A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição. A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada (Freud 1978, pp. 176-177).

O modelo de desenvolvimento da criança, promovido por Freud em *O ego e o id*, se baseia na identificação do filho com o pai e no desenvolvimento de uma catexia de objeto com a mãe. Cada vez mais o filho exige contato e atenção da mãe, entretanto o pai monopoliza o afeto materno e torna-se seu competidor. A inferioridade física do filho impede uma revolta significativa, o “objeto” desejado não é alcançado. O impedimento desta satisfação provoca uma flexibilidade de Eros em que o impulso psíquico original promove uma identificação com a mãe ou intensifica a identificação com o pai. Esta é a consequência do “Complexo de Édipo”, uma relação de amor e medo do filho em relação ao pai detentor do poder e do “objeto” desejado.

O superego representa essa influência dos pais que ao agir diretamente na constituição psíquica do indivíduo “perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem” (Freud 1975, p. 48).

A identificação, segundo Freud, é considerada a mais remota relação emocional entre duas pessoas. Como na relação primitiva do “Complexo de Édipo”, numa relação de imitação e empatia, a criança se espelha no pai, querendo ser como ele e tomar seu lugar. Sobre a identificação Freud diz:

Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado, sendo dessa maneira aniquilado como tal... Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo (1976, p. 56).

A partir do modelo o sujeito em formação se identifica e adquire características de tal modelo, assimilando o objeto em seu ego. E por último, a identificação pode ocorrer de forma parcial como partilha de uma qualidade comum que pode gerar um novo laço. A soma das identificações forma a personalidade dos indivíduos, as assimilações de determinados modelos são a primeira forma de se relacionar com o mundo exterior (ib., p. 58).

Seguindo a estrutura psicanalítica da formação subjetiva, a *mímesis*, segundo a perspectiva aristotélica, a qual emula, imita e identifica-se ao objeto promove uma catarse ético-pedagógica, uma relação de aprendizado em que o sujeito imita o objeto para se assimilar a ele. “Na origem da espécie, como na origem do indivíduo, a *mímesis* é a única forma de relacionamento possível entre sujeito e objeto”. (Rouanet 1986, p. 128). O impulso mimético da criança caracteriza-se pela imitação, é uma forma de aprendizagem nos estágios primitivos do desenvolvimento humano. “O corpo inteiro é um órgão de expressão mimética. É através dessa faculdade que um ser humano adquire sua maneira especial de rir e chorar, de falar e julgar” (Horkheimer 1976, p. 125). Conforme essa mediação é viável realizar o desenvolvimento ontogenético, a partir da identificação, emulação do aprendiz ao objeto apreendido.

Num estágio posterior ao aprendizado primitivo, a imitação é suprimida. Tanto o progresso da cultura, como o desenvolvimento ontogenético do indivíduo depende da proscricção da *mímesis*, esta proscricção é condição para o desenvolvimento do aprendizado racional, o homem relaciona-se com o todo não mais pela simples imitação, mas sim pela adaptação consciente. A civilização desenvolve-se mediante a proscricção dessa *mímesis* primitiva, do afastamento do sujeito dessa forma irracional de relação com o mundo. Surge o indivíduo consciente como resultado de uma repressão de seus instintos primários. A partir da constituição do sujeito ocorre a “passagem da *mímesis* refletora para a reflexão controlada” (Adorno/Horkheimer 1985, p. 169), a qual possibilita o desenvolvimento da razão e a formação do sujeito.

A proscricção da *mímesis* se relaciona com a formação do sujeito para o desenvolvimento da civilização. A condição para essa realização é o afastamento físico do homem frente à natureza, do homem frente aos seus desejos imediatos. Como foi explanado por Adorno e Horkheimer no tema do “anjo”, o qual expulsa os seres humanos do paraíso simbolizando a passagem da *mímesis* ao trabalho, a repressão que possibilita a configuração da civilização, proíbe os modos de vida mimética: a “proibição de imagens na religião, passando pela proscricção social dos atores e dos ciganos, e chegando, enfim, a uma pedagogia que desacostuma as crianças de serem infantis” (1985, p. 169). A civilização passa a organizar os desejos e a alteração da realidade que antes era vinculada ao próprio sujeito. Essa nova organização reprime e

modifica os instintos originais. “Se a ausência de repressão é o arquétipo de liberdade, então a civilização é luta contra essa liberdade”. (Marcuse 1999, p. 36).

Sob esta mesma perspectiva, apresentada por Adorno e Horkheimer, o também teórico crítico, Eric Fromm aborda, segundo a teoria psicanalítica, a formação do indivíduo e da civilização. Para ele, no princípio da história o homem vive sem cultura e seu único objetivo é a completa satisfação de seus instintos. Assim, afirma que, enquanto o homem continuar nesse “paraíso” (mnemônico), a cultura não se desenvolverá. O homem deve abandonar esse “paraíso”, justamente por esta satisfação ilimitada que pode levar o homem à barbárie. A edificação social é representada pela alegoria do parricídio que apresenta a revolta dos filhos contra a autoridade do pai. Com a realização desse assassinato os filhos se libertam da autoridade paterna, mas se vêem num impasse: ao tomar o lugar de seus pais temem a revolta dos filhos que terão. A cultura surge com a “moralidade” pela estruturação de normas de conduta social.

... a cultura é condicionada pela não-satisfação parcial dos desejos instintivos, o que culmina, por seu turno na sublimação ou formação de reação. Portanto, o homem defronta-se com uma alternativa: total satisfação dos instintos – e barbarismo – ou parcial frustração instintiva, a par do desenvolvimento cultural e mental do homem (Fromm 1977, p. 58).

A individuação é promovida por meio da cultura, esta tem como função defender os homens da natureza ou das intempéries que o afligem e promover as relações entre os indivíduos que fazem parte de seu conjunto. A formação da subjetividade que possibilita a individuação depende de um projeto coletivo que promova a diferenciação dos indivíduos frente ao existente. Primeiramente, diferenciação da natureza por meio da cultura, e posteriormente, diferenciação da própria cultura para que, no exercício da autonomia do sujeito, a cultura possa ser transformada num processo dialético negativo de auto-reflexão. O processo que promove a diferenciação do indivíduo frente à cultura, e que possibilita a transformação desta, também exige do sujeito sua adaptação ao meio que habita: uma relação contraditória de reprodução cultural e de superação da forma instituída, num interminável movimento reflexivo. Neste sentido, Crochik afirma que “a subjetividade... define-se por um terreno interno que se opõe ao mundo externo, mas que só poder surgir deste” (1998). Mais adiante ele descreve que

o método para se estudar a subjetividade deve ser, portanto, o que leva a procurar no indivíduo as marcas da sociedade. Ou seja, dizer que o indivíduo é mediado socialmente, não significa que ele seja afetado externamente pela sociedade, mas sim que se constitui por ela, isto é, pela sua introjeção (1998).

Neste processo de individuação, cuja base é a diferenciação e a formação da autonomia subjetiva, Horkheimer diz que o retorno caricaturado dessa identificação do sujeito frente ao existente sempre está à espreita do processo civilizatório ameaçando a realização de seu desenvolvimento, podendo causar regressões complexas (1976, p. 127). Esta estreita relação entre perda de si e sentimento de prazer é aquilo que, para Adorno e Horkheimer, torna a experiência mimética perigosa para a edificação da civilização. Mas, para os homens “civilizados”, a realização dessa *mimesis* existe apenas em resquícios, é uma caricatura da *mimesis* original, isso impossibilita o seu reencontro com o objeto mnemônico que foi perdido. A sociedade é um prolongamento da natureza que ameaça os seres humanos e estes se protegem dela a partir de sua dominação. “Em outras palavras, a identificação que é a *mimesis* no âmbito da natureza é a própria assimilação à violência que constitui a natureza, enquanto na síntese conceitual a assimilação é o exercício da violência sobre

a natureza”.(Tiburi 2001, p. 308). O homem vive uma cultura de autoproteção, a qual interioriza a dominação, e segundo Horkheimer “quanto mais artifícios inventamos para dominar a natureza, mais devemos nos submeter a eles se queremos sobreviver”. (Horkheimer 1976, p.108).

II

O processo que possibilita a individuação como também desencadeia a subjugação do indivíduo aos coletivos massificados relaciona-se diretamente com a estrutura sócio-econômica da sociedade capitalista. Em meio às conturbadas transformações da sociedade, a psicologia do indivíduo é influenciada em seus processos de formação. Cabe notarmos que estes processos se inter-relacionam promovendo novas configurações na sociedade do capitalismo tardio.

Antes de desenvolver a etapa contemporânea do esclarecimento e da configuração subjetiva massificada é preciso comentar o processo histórico que desencadeou essa transformação. Primeiramente é importante notar que a sociedade burguesa surge como contestadora de um ideário e de um modo de produção que vigorava anteriormente, sendo assim, a burguesia surge como classe revolucionária, como forma social instituinte. Em meados do século XIX o capitalismo se solidifica com o desenvolvimento da sociedade industrial e segrega os sujeitos em classes antagônicas: burgueses e proletários. Nesta fase da economia liberal o domínio político do Estado se reduz e se subjugava a uma economia autônoma que possui suas próprias leis de funcionamento. É neste momento do capitalismo liberal e de conexão entre teoria e prática que Marx realiza a crítica da ideologia. A economia liberal apresentou-se como “entidade social autônoma” e em sua forma anárquica promoveu relações de expansão para novos mercados. Este processo de expansão caracterizado como período Imperialista, o qual culminou nas duas Grandes Guerras do início do século XX, influenciou o processo de afirmação dos Estados-Nacionais. Estas lentas transformações das primeiras décadas do século XX aumentaram consideravelmente a influência de fatores políticos e militares sobre a economia. Juntamente com esse processo de influência estatal na economia, a instituição de *monopólios* e *trustes*, e a solidificação das instituições capitalistas, engendraram a necessidade de transformação nas formas e organização do capitalismo. (Goldmann 1967, pp. 138-152).

As transformações econômicas descritas se relacionam com uma nova configuração social e psicológica. Esta relação possibilita enxergarmos mais claramente as redefinições conceituais geradas pelas transformações da sociedade. Na época liberal, o conceito marxista de ideologia articulava-se numa economia amparada na livre circulação que permitiu não só a acumulação de capital, mas também, sob a categoria do empresário independente, a emergência do sujeito autônomo. A psicanálise apresentou este homem como “pequena empresa interior” que se desenvolve numa dinâmica entre consciente e inconsciente. A sociedade como um todo se apoiava no indivíduo e ao mesmo tempo a sociedade, em seu processo, promoveu o desenvolvimento deste indivíduo. “Contra a vontade de seus senhores, a técnica transformou os homens de crianças em pessoas” (Adorno/Horkheimer 1985, p. 145). Neste sentido é importante demonstrarmos que, mesmo não realizando completamente a individuação dos sujeitos, havia a possibilidade deste desenvolvimento. Entretanto, com as vastas conturbações do início do século XX a personalidade deixa de ser o pilar da economia por causa das transformações da

sociedade industrial. A família burguesa que representava o agente da socialização psíquica entra em decadência, assim como o indivíduo formado por ela. Segundo Adorno, em *Mínima Morália* “o fim da família paralisa as forças de oposição” (1993, p. 17). Agora, sem intermediação da família, e antes da formação do ego, a sociedade se dirige aos “indivíduos” diretamente através de vários meios de comunicação.

Com as transformações da acumulação de capital para o modelo monopolista, as formas de reprodução dos controles sociais se modificam juntamente com os processos políticos e econômicos. Sob influência da associação, autonomia e forma organizada do capital monopolista, o indivíduo apresenta-se coisificado, tanto corpo como mente. Não há mais um espaço interior protegido como no momento anterior, a reificação é total. Agora a consciência relaciona-se de forma mecânica e fragmentada com a realidade. A ideologia da sociedade industrial desenvolvida incita os sujeitos a viver conforme a razão instrumental, funcionalizando todas as esferas da vida. Para Marcuse, o resultado desse processo é a *mímesis* que consiste em identificar, sem mediação crítica, os indivíduos com a sua sociedade.

A sociedade industrial avançada é caracterizada como uma sociedade sem pai que está relacionada intimamente com a obsolescência da psicanálise devido ao não desenvolvimento de sujeitos autônomos. O surgimento de coletivos heterônomos ocorre com a desestruturação da família, e, com isso, a impossibilidade da conclusão do processo ontogenético. As organizações públicas e privadas, e principalmente a Indústria Cultural, passam a mediar direta e indiretamente essa “formação”. A unidade dos coletivos é assegurada através de um líder, no qual a massa direcionou seu ideal de ego. Os líderes se multiplicam e se despersonificam, surge, como Freud já afirmava, a existência de “líderes secundários” que agora promovem a coesão dos grupos pela sua identificação com esses novos líderes que representam idéias e valores abstratos. De forma parecida, como ocorria no fascismo representado por um líder (*Führer*), na cultura de massas esse líder uno é substituído por uma enorme quantidade de novos líderes produzidos pela indústria cultural, como artistas, políticos, cientistas etc. A relação entre líderes e liderados é realizada por agentes do poder como políticos e administradores, entretanto agora a figura destes líderes é fungível. Sua fungibilidade demonstra que não podemos atribuir a eles o papel de pessoas ou personalidades que promovem a manutenção da coesão social. Segundo Marcuse, são considerados “líderes-stars”, são sublíderes que representam uma autoridade superior: “o aparato de produção dominante”. Segundo esta concepção de Marcuse, não existe mais a relação freudiana de um líder unificador, e sim uma confusão entre líderes fungíveis e liderados que se identificam momentaneamente com os mais diferentes stars e starlets. Na sociedade de massas, totalmente reificada, a figura do líder carismático unificador se transubstancia, mas a relação de identificação libidinal coletiva continua existindo. Assim, a civilização se conserva unida por relações libidinais que asseguram a identificação da massa ao sistema. Anteriormente o sistema fascista manipulava o impulso mimético das massas para promover a idealização e a coesão da sociedade. Agora, essa manipulação libidinal é promovida por todo o aparato material de produção capitalista (Marcuse, 1998).

As transformações ocorridas no entreguerras modificaram estruturalmente o contexto social, assim como todas as estruturas relacionadas com sua materialidade. Diretamente relacionada com a nova configuração da sociedade, a formação subjetiva sofre transformações significativas. Adorno, em seu texto *Ideologia*(1973), afirma que uma teoria que tem a pretensão de abarcar a realidade não pode desconsiderar tais

movimentos. Questiona os críticos que desconsideram essas transformações, pois “a criação que se recusa a refletir sobre esses processos e que segue o antigo caminho como se nada tivesse acontecido, está condenada à futilidade estéril” (p. 12). As caracterizações da ideologia e da subjetividade se transformam e a crítica que se propõe a simples tarefa de desvelar a dominação torna-se insuficiente e redundante, pois a dominação cada vez mais se mostra transparente e, mesmo assim, os indivíduos sujeitam-se a ela.

A transformação qualitativa no papel da ideologia, apresentada pela teoria crítica, aponta para um paradoxo fundamental, que constitui um dos apontamentos centrais de nosso estudo. Esse paradoxo é explicitado por Adorno da seguinte maneira: “ninguém mais se preocupa com o conteúdo objetivo das ideologias, desde que estas cumpram sua função” (2001, p. 20). Igualmente, para Marcuse, “as pessoas sabem ou sentem que os anúncios e as plataformas políticas não têm de ser necessariamente verdadeiros ou certos e, não obstante, os ouvem e lêem e até se deixam orientar por eles” (1969, p. 107). Segundo Marcuse, na sociedade unidimensional a veracidade das mensagens assume aspecto secundário, pois o que verdadeiramente importa é o fato de que, embora as pessoas não acreditem nos conteúdos veiculados pela “linguagem mágico-ritual” do aparato, elas, não obstante, agem em concordância com a adaptação prescrita. Perante esse quadro de identificação integral com a realidade, as implicações da transparência material do discurso ideológico (Adorno 2001, p. 25) são apontadas de maneira exemplar por Paulo Arantes. Para esse pensador, a redundância da crítica marxista em um mundo monopolizado pelo pensamento único equivale à impressão de estar arrombando uma porta aberta (2004, p. 127).

As coisas apresentam-se como são e não poderiam ser diferentes. A ideologia da cultura de massas pretende a duplicação afirmada de todo o existente que caminha para a destruição da crítica e de qualquer possibilidade de transcendência. A debilidade da resistência subjetiva adapta os homens à mentira, mas ao mesmo tempo os indivíduos conseguem enxergar além deste véu de que não precisam mais, e o qual já não pretende esconder nada. “Bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum. Mas esse esforço parece ser o mais custoso de todos” (Adorno 1973, p. 14).

Em relação direta com a transformação substancial da ideologia, Marcuse afirma que numa sociedade unidimensional a linguagem se torna funcionalizada, impossibilitada de desenvolver e expressar conceitos. Através de sua imediação impede os indivíduos de pensar dialeticamente. A abstração e a mediação são retiradas do discurso e abreviadas em imagens fixas. “A linguagem funcional unificada é uma linguagem irreconciliavelmente anticrítica e antidialética. Nela a racionalidade operacional e behaviorista absorve os elementos transcendentais, negativos e de oposição da razão” (1969, p. 103). Nota-se que o funcionamento da linguagem unificada e da sociedade unidimensional impossibilitam a transcendência frente ao existente, entretanto é importante frisar que não é a linguagem abreviada e unificada que, de forma mecânica, molda a opinião das massas. Diferentemente do discurso fascista hitlerista, a linguagem funcionalizada se adapta às personalidades unidimensionais que, paradoxalmente, se comportam conforme a linguagem claramente enganadora. Este discurso não pretende passar por verdadeiro, mas, sim, estar de acordo com a forma social previamente instituída.

Os conceitos que representam os fatos não são capazes de superar os próprios fatos, a linguagem passa a expressar uma “identificação imediata” entre o conceito e o fato de uma verdade já estabelecida. O operacionalismo é outro aspecto desta linguagem, ele torna o conceito em sinônimo de suas operações, assim as coisas passam a ser identificadas com suas funções. Marcuse afirma que neste universo behaviorista os conceitos perdem seus conteúdos, o conceito se fixa na palavra para um uso padronizado, e esta padronização ritualiza o conceito tornando-o imune às contradições (*idem*, p.94).

A contradição deixa de ser oposição e forma de resistência, torna-se técnica de publicidade para promover a manipulação. Esta linguagem unidimensional reconcilia os opostos. Através da comercialização total a conjunção lingüística une as esferas antagônicas da vida e da realidade. A linguagem da propaganda e da publicidade emana comandos através da evocação de atitudes e sugestões sutis. Esta comunicação assume um papel hipnótico. A técnica da linguagem da comercialização apresenta-se pela ligação entre substantivo e adjetivo de forma petrificada, gerando, assim, uma fórmula hipnótica que, repetida constantemente, fixa o significado na mente do receptor. A publicidade transforma conceitos em imagens, e estas imagens hipnóticas são aderidas à mente e barram o desenvolvimento dos significados. O resultado dessa dinâmica é a aceitação consciente dos sujeitos que associam imagens a atitudes e aspirações fixadas, e agem conforme esperado pelas agências publicitárias.

A comunicação dos homens tornou-se a linguagem da mercadoria, a contradição perdeu seu caráter negativo, transformou-se em jogo de linguagem que chama a atenção dos sujeitos para o consumo. Outras formas de limitação da linguagem também são utilizadas pelo aparato comercial e para fixar a contradição, como é o caso da redução hifenizada e das abreviações. O primeiro também possui um efeito mágico hipnótico, pois possibilita harmonizar conceitos contraditórios (Homem-Bomba, Bomba-Limpa etc), já as abreviações limitam as locuções e podem ajudar a reprimir perguntas indesejáveis. Estas técnicas limitam a linguagem como um todo, não estão mais fechadas na esfera privada, agora a própria esfera pública assume funções da publicidade e da propaganda (*ib.*, p. 100).

O fechamento do universo da locução apresentado na sociedade industrial avançada demonstra a vitória ideológica sobre as contradições. Na sociedade unidimensional a veracidade das mensagens assume aspecto secundário, pois o que verdadeiramente importa é o fato de que, embora as pessoas não acreditem nos conteúdos veiculados pela “linguagem mágico-ritual” do aparato, elas, não obstante, agem em concordância com a adaptação prescrita. As contradições se apresentam no próprio substantivo e mesmo assim as mentiras são aceitas e reproduzidas sem fazer explodir o sistema instituído.

O universo unidimensional influencia a totalidade da vida, o próprio pensamento sob termos operacionais harmoniza sua tensão com a realidade. Na experiência imediata dos fatos, o conceito torna-se limitado, a análise da realidade, através desses conceitos reduzidos, promovem uma falsa concreção. As utilizações operacionais e imediatas da linguagem e dos conceitos possuem conotação política, não há superação deste estado de coisas, e sim a conservação do status quo.

A veracidade do discurso tornou-se secundária, a crítica à totalidade se esvaziou porque as consciências individuais se tornaram vazias. Numa sociedade unidimensional o discurso que pretende revelar instâncias da dominação torna-se paradoxal, pois, mesmo revelando tais instâncias, não há um pensamento dialético

que negue sua identidade com a realidade. Neste sentido, Paulo Arantes explana sobre “a experiência regressiva de uma sociedade sem oposição”, em que foi decapitada a negação, o lado oposto, sem o qual não há vida no pensamento. Segundo este autor, seríamos levados a acreditar quase totalmente que vivemos no melhor dos mundos e mesmo com tanta destruição e miséria ainda o afirmamos. Para as “consciências anestesiadas”, “pior que a exploração é não ser explorado, e assim como a primeira passa a atender pelo nome eufemístico de emprego, a moeda forte se representa como o bem supremo da sociedade humana” (2004, p. 128).

Conforme Adorno, realidade e ideologia se identificam (2001, p. 25), e a crítica inserida numa sociedade sem oposição perde sua ambivalência. Também, para Arantes, as “consciências anestesiadas” se subjugam a um discurso claramente falso pela sua incapacidade de negação. Diferentemente de um momento anterior em que revelar as instâncias ocultas era sinônimo de libertação, hoje esta libertação não ocorre, mesmo desveladas as instâncias da exploração e da dominação os indivíduos continuam servir a seu poder (Arantes 2004, p.127). Segundo Marcuse “o novo toque da linguagem mágico-ritual é, antes, o de as pessoas não acreditarem nela, ou não se importarem com ela, mas, não obstante, agirem em concordância com ela”. (1969, p. 107). Por mais que a falsidade se apresente esboçada não há resistência efetiva, o poder não se preocupa em esconder seu interesse real, “seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público” (Adorno/Horkheimer 1985, p. 114). Assim, não é mais preciso esconder nada, a exploração e a dominação que se apresentam de forma confortável e suave já foi confessada e mesmo assim é aceita pelos indivíduos. Igualmente, os motivos subjetivos da adesão a mensagens ideológicas que sequer solicitam a crença em seus conteúdos, embora prescrevam comportamentos submissos à totalidade repressiva, são sugeridos por Marcuse quando este caracteriza a forma pela qual se dá esse tipo de adesão. Para Marcuse, o resultado da síntese unidimensional consiste na *mímesis*: “uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo” (1969, p. 31).

III

O discurso ideológico contemporâneo, que consiste em promover a adesão das massas por meio da veiculação de mensagens claramente falsas até para seus próprios receptores, encontra uma abordagem criticamente muito fecunda em outra obra de Adorno. Em seu texto acerca da relação entre sociologia e psicologia, Adorno propõe que a explicação segundo a qual os meios de comunicação de massa moldam a opinião pública é insuficiente, pois se as massas se deixam enganar por uma propaganda claramente falsa, isso ocorre porque tais mensagens são adequadas a condições subjetivas heterônomas, geradas pela irracionalidade objetiva (1991, pp. 135-6). A falsidade evidente das mensagens não impede que indivíduos atomizados, condicionados ao sacrifício irracional e à servidão, comportem-se de acordo com os *slogans* sistematicamente prescritos por seus senhores.

Em termos psicológicos, essa integração das massas aos discursos ideológicos e a transparência da falsidade de tais discursos somente são possíveis em virtude da dominação direta exercida pela totalidade sobre a subjetividade do indivíduo. Para Adorno, Horkheimer e Marcuse, o capitalismo tardio caracteriza-se pelo que este denominou como “obsolescência da psicanálise”. Ou seja, o fato de que, atualmente, a

dissolução da individualidade, a substituição das instâncias psíquicas clássicas postuladas por Freud (id,ego,superego) por uma administração direta exercida pela indústria cultural, apontam para o anacronismo de supormos a existência da própria individualidade. Este fenômeno, central na análise do capitalismo proposta pela Teoria Crítica, é descrito por Adorno e Horkheimer:

O indivíduo não precisa mais recorrer a si mesmo para decidir o que deve fazer, numa dolorosa dialética interna de consciência moral, autoconservação e impulsos. Sua vida profissional é determinada pela hierarquia das organizações e pela administração pública, e sua vida privada pelo esquema da indústria cultural, que seqüestra até os últimos impulsos íntimos dos consumidores compulsórios. (...) As massas, privadas até da aparência de sua personalidade, se conformam mais docilmente aos modelos e às palavras de ordem que as pulsões à censura interna. (1985, p. 181).

A Transformação do conceito de ideologia abordado pela Teoria Crítica encontra fundamentos importantes na obra escrita por Adorno e George Simpson, de 1941. Intitulada *Sobre Música Popular* (Adorno & Simpson 1986), a análise pretende demonstrar a adesão dos indivíduos à totalidade repressiva mediada pela ideologia que não tem por finalidade enganar mais ninguém. O texto apresenta os recursos utilizados pelos produtores da indústria da cultura para induzir o consumo de suas mercadorias padronizadas. Como resultado os consumidores acreditam ser deles a vontade de adquirir um ou outro produto, enquanto que a Indústria oferece um número determinado de mercadorias promovendo uma falsa liberdade de escolha. A indústria cultural utiliza-se de técnicas para legitimar suas idéias e seus produtos, o apelo aos desejos dos espectadores é seu principal procedimento. Esta análise sugere um estudo detalhado sobre a heteronomia dos desejos individuais e sua relação intrínseca com a produção cultural. O enfoque central de Adorno e Simpson refere-se à impotência da resistência subjetiva diante dos poderes sociais imensamente superiores. Esta constatação abre caminho para analisarmos como o público se relaciona com as incessantes inovações e modismos da indústria cultural. Esta é uma obra central para este estudo, pois, ao analisar a questão da música, promove uma discussão acerca do funcionamento e da promoção dos produtos industrializados da cultura de massas.

Conforme é abordado por Adorno e Simpson, a espontaneidade é cerceada pelas organizações administrativas; a inserção dos indivíduos aos coletivos enfraquece suas forças de resistência subjetiva. Não significa dizer que a força de resistência individual tenha se esvaído, mas que os indivíduos, cada vez mais profundamente, são privados de suas vontades autônomas. Entretanto, é importante demonstrar que os fatores de intensificação da subjetividade heterônoma não são completamente inconscientes, pois fazer parte de um coletivo e de suas regras é um ato de vontade que se aproxima da consciência (1986, p. 144).

A distinção entre consciente e inconsciente torna-se paradoxal, pois enquanto o poder de resistência do indivíduo é limitado, sua energia libidinal é direcionada pelo ego para fazer parte do próprio coletivo que o limita. É insuficiente dizer que os indivíduos são inconscientemente manipulados pela hierarquia das organizações, pela administração pública e, privadamente, pela indústria cultural. Os indivíduos conscientemente se esforçam, psíquica e fisicamente, para fazer parte de um coletivo e para tornarem-se adeptos de um discurso ideológico. As ideologias, que tinham o poder de convencer àqueles que acreditavam nela, são substituídas pela mentira manifesta que não se preocupa em ser clara e transparente. Os sujeitos tornam-se “meros reflexos socialmente condicionados”, sua espontaneidade transforma-se em

aceitação ao imediato. Diante da concentrada estrutura social, a força individual é ínfima e sua energia, que possui o germe emancipatório, é direcionada para o esforço realizado pelo homem para aceitar o que lhe é imposto pela estrutura social (ib., pp. 142-146).

Freud, em sua análise sobre as tendências regressivas dos coletivos, aponta as várias formas de irracionalismos apresentados na relação entre indivíduo e coletivo que compromete a capacidade de julgamento individual (Freud 1976). Entretanto, as “consciências fragilizadas” são incapazes de resistir à dinâmica pulsional dos coletivos: “os fracos, os angustiados, sentem-se fortes quando andam de mãos dadas” (Adorno 1995, p. 226). Para fazer parte da irracionalidade objetiva, o indivíduo limita sua individualidade, pois negar o que a concentrada estrutura social caracteriza como bom é sinônimo de má consciência (1986, p.143). O esforço consciente realizado promove identificação, e desta forma, a edificação de personalidades ajustadas aos modelos pré-existentes.

Cada vez mais as pessoas vivendo numa sociedade que é caracterizada pela cultura do medo, da desconfiança, da competitividade, do outro como inimigo, procuram proteção pela sua inserção em “grupos de ajuda”. Sozinho o indivíduo se sente fraco, mas em grupo está supostamente protegido. Esta inserção tem um “alto preço”: a negação de sua individualidade, a sua subjugação às regras do coletivo.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. (1973). “Ideologia”, In: ADORNO Theodor W. e HORKHEIMER, Max (orgs.) *Temas Básicos da Sociologia*. Tradução de Álvaro Cabral. 2a edição. São Paulo: Ed. Cultrix, pp. 184-205.
- _____. (1991). *Actualidad de la Filosofía*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- _____. (1993). *Mínima Moralía: Reflexões a Partir da Vida Danificada*. Tradução: Luiz Eduardo Bicca, 2a edição. São Paulo: Editora Ática.
- _____. (1995). *Palavras e Sinais: Modelos Críticos*. Tradução Maria Helena Ruschel. 2a edição. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2001). “Crítica cultural e sociedade”. In: _____ *Prismas: Crítica Cultural e Sociedade*. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, pp. 07-26.
- _____ e HORKHEIMER, Max. (1985). “Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas”; “Elementos de anti-semitismo”. In: _____ *Dialética do Esclarecimento - Fragmentos Filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio: Zahar, pp. 113-194.
- _____ e SIMPSON, Georg. (1986). “Sobre a música popular”. In: COHN, G (org) *A Indústria Cultural*. São Paulo: Ática, pp. 115-146.
- ARANTES, Paulo. E. (2004). “O pensamento Único e o Marxista Distraído”. In: _____ *Zero à Esquerda*. São Paulo: Conrad Editorial do Brasil, pp. 115-131.
- CROCHIK, José L. (1998). “Os Desafios Atuais do Estudo da Subjetividade na Psicologia”. In: Psicol. USP., São Paulo, v. 9, n. 2, . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01036564199800020003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Mar 2007.
- FREUD, Sigmund. (1975). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (1976). “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1978). “Mal-estar na Civilização”. In: _____ *Os Pensadores*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, pp. 129-194.
- FROMM, Erich. (1977). *A Crise da Psicanálise: Ensaio sobre Freud, Marx e Psicologia Social*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Três.
- GOLDMANN, Lucian. (1967). “A Reificação”. In: _____ *Dialética e Cultura*. Tradução: Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 105-152.
- HORKHEIMER, Max. (1976). *Eclipse da Razão*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil.
- MARCUSE, Herbert. (1969). *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Tradução: Giazzone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1998) “A Obsolescência da Psicanálise”. In: _____ *Cultura e Sociedade*. Tradução: Wolfgang Leo Maar, Isabel Loureiro, Robespierre de Oliveira. (vol. 2). Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 91-111.
- _____. (1999). *Eros e Civilização*. Tradução: Álvaro Cabral, 8ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.
- ROUANET, Sergio. P. (1986). *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- TIBURI, M. (2001). “Uma Outra História da Razão”: “A Dialética do Esclarecimento e o Anti-Semitismo”. In: DUARTE, R., FIGUEIREDO, V. (orgs.) *Mímesis e Expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 301-314.

Artigo recebido em 23/04/2007 e aprovado em 12/06/2007.